

TOLICEONÁRIOS: DO SENSO COMUM À CIÊNCIA

Rosana Cristina Zanelatto Santos

Departamento de Letras – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS)

Caixa Postal 549 – 79.070-900 – Campo Grande – MS – Brasil

rzanel@terra.com.br

Abstract. *Grounded on rhetorical, stylistic and analysis of discourse precepts, this essay intends to identify in some entries in Gustave Flaubert's (Dicionário de Lugares Comuns), Millôr Fernandes' (A Bíblia do Caos) and Cesar Cardoso's (O Pai dos Burros) "follyonaries" the dissimulated critique of definitions based apparently on empirical observation and common sense cataloguing. Our purpose is to demonstrate the thesis that a continuance process connects common sense and linguistic knowledge.*

Keywords. *"Follyonaries"; rhetoric; stylistic; analysis of discourse.*

Resumo. *Este ensaio, com base em preceitos de retórica, estilística e análise do discurso, intenta identificar nos "toliceonários" de Gustave Flaubert (Dicionário de Lugares Comuns), Millôr Fernandes (A Bíblia do Caos) e Cesar Cardoso (O Pai dos Burros), por via da análise de alguns verbetes, a crítica que se dissimula por detrás de definições aparentemente baseadas na observação empírica e na catalogação do senso comum. Nosso objetivo é demonstrar a tese de que existe um processo de continuidade que une o senso comum à ciência lingüística.*

Palavras-chave. *Toliceonários; retórica; estilística; análise do discurso.*

Roberto DaMatta, no capítulo intitulado O modo de navegação social: a malandragem, o "jeitinho" e o "você sabe com quem está falando"?, do livro *O que é o Brasil?*, questiona:

Entre a desordem carnavalesca, que legitima e estimula o excesso, e a ordem que requer a continência e a disciplina pela obediência estrita às leis, como é que nós, brasileiros, ficamos? Qual a nossa atitude diante da lei que deve valer para todos? Como procedemos diante de normas igualitárias [...], mesmo que isso conteste o bom senso e as práticas estabelecidas? (2004: 45)

De modo análogo a Roberto DaMatta, iniciamos este ensaio perguntando: que procedimentos lingüísticos e que variantes lingüísticas o sujeito utiliza para, diante da variante dita culta, diante de todas as verdades veiculadas por essa variante e diante das instituições imaginariamente legitimadas por ela, expressar seu bom senso - por vezes chamado vulgarmente "senso comum" - e demonstrar que tem uma percepção crítica do mundo ao redor?

De um lado, temos uma variante - a culta - que se, *a priori*, vale para todos os falantes, também procura neutralizar os questionamentos sobre o seu uso e sobre as

relações de poder por ela dissimuladas. De outro, existem as variantes que de fato atualizam e conduzem as relações sociais e as relações discursivas. A variante culta parece ter a pretensão de corrigir e (re) inventar uma visão de mundo quando deveria, a nosso ver, fazer funcionar a língua com uma certa praticidade, o que já seria muito bom.

Para burlar as interdições da variante culta, os sujeitos desenvolveram o que chamaremos de “estilo de navegação lingüística”¹, ou seja, meios de pelo interdito e de pelo não-dito atravessar as vagas de um mar de normas, propiciando operar em um meio que parece desconectado da realidade lingüístico-cultural vigente.

Retornemos à expressão “estilo de navegação lingüística”. Interessa-nos trabalhar com uma idéia de estilo como escolha, baseada em dois preceitos retóricos clássicos: a seleção e a organização. Se inicialmente nos referimos *grosso modo* a sujeitos, a partir de agora qualificaremos esses sujeitos como escritores. Seleccionamos como objeto de análise neste trabalho textos que chamaremos de literários, considerando-os, além de engendrados com base em princípios estilísticos de seleção e de organização, como composições pelas quais “[...] o escritor penetra na forma interior do seu tema e o revela [segundo a sua percepção e compreensão]. O estilo é o oposto de uma passiva imitação da natureza [, das normas] ou da fácil aplicação de maneirismos ao tema” (Enkvist; Spencer; Gregory, 1970: 25).

Assim, serão objetos de nossa análise alguns verbetes² do *Dicionário das Idéias Feitas* (1981, tradução de Galeão Coutinho e Augusto Meyer), de Gustave Flaubert, d’*A Bíblia do Caos* (2002), de Millôr Fernandes, e d’*O Pai dos Burros* (1996), de Cesar Cardoso. Intentaremos compreender nesses toliceonários, a partir da leitura dos verbetes selecionados, como se dá o processo de constituição dos possíveis efeitos de sentido da ironia, da paródia e do pastiche.³

Chamamos os textos supracitados de toliceonários com base em consideração feita por Augusto de Campos referente ao *Dicionário das Idéias Feitas* de Flaubert:

Se *Bouvard e Pécuchet* já desconcerta pela neutralidade da linguagem, sem qualquer brilho aparente, pelo anti-heroísmo dos personagens, e pela reiteração dos movimentos, sucessos e fracassos, o *Dicionário* seqüestra em definitivo a ação e os personagens e nos põe em contacto direto com o tema da imbecilidade (que ambigüamente confunde leitor, autor e personagens, fictícios colecionadores dos verbetes) (1989: 18).

Partamos, portanto, da assertiva do próprio Flaubert para falar sobre seu *Dicionário*:

Você já percebeu que me estou tornando moralista? Será um sinal de velhice? Volto-me, certamente, para a alta comédia, pois sinto, por vezes, atroz pruridos de descompor os seres humanos, e fá-lo-ei um dia, daqui a dez anos, num longo romance de larga enquadração. Enquanto aguardo esse dia, acode-me uma velha idéia, a do meu *Dicionário das Idéias Feitas* [...] Será a glorificação histórica de todas as coisas aprovadas: demonstrarei que as maiorias têm sempre razão e que as minorias estão sempre em erro; imolarei os grandes homens e todos os imbecis, os mártires e os carrascos, e isto num estilo inédito, de um só jato (Carta a Louise Colet *apud* Flaubert, 1981: 279).

Vejamos: o sentido irônico do texto flaubertiano já se encontra na consideração “[...] demonstrarei que as maiorias têm sempre razão e que as minorias estão sempre em

erro [...]”. Há, dissimulada no que Flaubert oferece à leitura de Louise Colet, uma proposta interrogativa, assim como significa interrogante a expressão grega *éiron*, a partir da qual derivou o vocábulo latino *irōnīa*: por que as considerações que cotidianamente regem as relações discursivas não podem ser “imortalizadas” pelo texto literário? O filósofo Rubem Alves declara que “[...] o senso comum é aquilo que não é ciência, e isso inclui todas as *receitas* para o dia-a-dia, bem como os ideais e esperanças que constituem a capa do livro de receitas”. Acrescenta ainda que “A ciência é uma metamorfose do senso comum. Sem ele, ela não pode existir. E essa é a razão por que não existe nela nada de misterioso ou extraordinário” (2000: 14. Grifo do autor).

Do tolecionário de Flaubert, tomamos os verbetes:

Dicionário - Dizer: “É feito para os ignorantes!” (1981: 296).

Literatura - Opção dos ociosos (1981: 302).

Ortografia - Acreditar nela como se acredita nas matemáticas (e na geometria) (1981: 304).

Poesia - Inteiramente inútil; passou de moda (1981: 304).

O que Flaubert nos ensina em todos os verbetes selecionados é que há contigüidade entre o senso comum e o senso lingüístico-científico. O escritor francês faz um jogo em que o leitor mais atento, além de rir ou sorrir, deveria compreender a necessidade de o homem sobreviver e viver melhor em meio às normas da variante culta. O verbe “dicionário”, por exemplo, indica o objeto “feito para os ignorantes”. Perguntamo-nos: quem são os ignorantes? Respondemos: todos somos ignorantes uma vez que o problemático varia de sujeito para sujeito. E para solucionar seus problemas, cada sujeito recorre aos meios que têm à mão, mesmo que, em aparência, não sejam científicos.

Os verbetes do *Dicionário* de Flaubert acabam nos obrigando, como leitores, a [...] trabalhar no ponto em que cessa a consistência da representação lógica inscrita no espaço dos ‘mundos normais’, [...] atravessado [que está] por uma divisão discursiva entre dois espaços: o da manipulação de significações estabilizadas, normatizadas por uma higiene pedagógica do pensamento, e o de transformações do sentido, escapando a qualquer norma estabelecida *a priori*, de um trabalho do sentido sobre o sentido, tomados no relançar indefinido das interpretações (Pêcheux, 2002: 51).

Ou seja, há o apagamento das fronteiras entre o comum e o erudito, havendo um compartilhamento em que a legitimidade hierarquizante e imaginária da variante culta e das formas por ela dissimuladas é desconstruída não em favor de outras variantes, mas na constituição do que Orlandi chama de “[...] *sítio de significância* sobre o qual se produzem distintos gestos de interpretação” (2004: 122). Só desse modo podemos conceber que haja pessoas a acreditar na ortografia “[...] como se acredita nas matemáticas (e na geometria)” (Flaubert, 1981: 302).

Em *A Bíblia do Caos*, de Millôr Fernandes, se por um lado não encontramos a rubrica “dicionário” no título da obra, de outro temos a referência explícita ao “livro dos livros de uma determinada especialidade”, no caso em questão, o caos. Entendemos, pois, que a paródia já se encontra posta em cena quando a expressão “bíblia” titula o livro de Millôr, não desconsiderando a outra bíblia, ou melhor, não desconsiderando o

significado esboçado nos dicionários de sinônimos acerca do que possa ser uma “bíblia”. Desse modo, está garantido o sentido primeiro/etimológico da palavra paródia, qual seja: o cantar ao lado do outro, como na superposição de vozes no canto coral.

Do texto de Millôr, tomamos os verbetes:

DICIONÁRIO - As palavras nascem saudáveis e livres, crescem vagabundas e elásticas, vivem informes, informais e dinâmicas. Morrem quando contraem o câncer do significado definitivo e são recolhidas ao CTI dos dicionários (2002: 164).

ETIMOLOGIA - Gatão é apenas uma abreviatura de garotão.

Coroa, no sentido de *velha*, vem do inglês, *crown*. Sempre que têm que se referir a alguma decisão ou ação de sua rainha, os ingleses dizem (na televisão ou no rádio) e escrevem (nos jornais): “A Coroa ordenou”; “A Coroa recomendou”; etc. Uma falta de respeito surpreendente em ingleses (2002: 212).

LITERATURA - A literatura que eu mais aprecio é a de capa dura.

Falando de sua literatura (que só ele atura) Sir Ney confessa que escreve em verso branco. Mas branca mesmo é a prosa. [...]

Levei anos pra descobrir por que jamais consegui datilografar bem: as letras da máquina de escrever (e agora também do computador) vêm completamente fora de ordem (2002: 343).

ORTOGRAFIA - [...] O usuário deve usar a ortografia com total liberdade e mesmo rebeldia. Quanto à gramática deve ser rejeitada qualquer uma imposta por gramáticos. Nenhuma língua morreu por falta de gramáticos. Algumas estagnaram por ausência de escritores. Nenhuma sobreviveu sem povo (2002: 409).

Em cada um dos verbetes da *Bíblia* de Millôr, podemos observar “deslizamentos de sentido” (Orlandi, 2004: 116) produtores de interpretações das diferentes “especialidades” em contacto. Por exemplo, o verbe “etimologia”: temos aí o contraponto entre a juventude e a velhice no pseudo-estudo etimológico das expressões “gatão” e “coroa”. A superposição paródica se dá no nível semântico, quando as marcas da subjetividade da oralidade e do cotidiano posicionam-se ao lado das marcas da subjetividade da variante culta. Na expressão “gatão”, o sufixo “-ão” não perde sua marca de aumentativo, ganhando também o *status* de abreviatura de outro aumentativo, “garotão”.

N’outro exemplo d’A *Bíblia do Caos*, temos o verbe “literatura”: nele três níveis de sentido deslizam em contacto: o do senso comum (a apreciação da literatura de capa dura), o do crítico literário (a consideração sobre a produção literária de José Sarney) e o do autor (a dificuldade de manipular os instrumentos técnicos – a máquina de escrever e o computador). Esses sentidos não são coincidentes, criando um espaço de não-estabilidade e de não-legitimação de nenhum dos três, que é o espaço do caos, isto é, o espaço da (com) fusão antes que, numa perspectiva hierarquizante e normativa, uma variante (a culta) e seus possíveis efeitos de sentido “organizassem” o mundo da língua.

Em *O Pai dos Burros*, de Cesar Cardoso, parece-nos que o princípio a reger a possível construção dos efeitos de sentido é o pastiche por paronomásia. Retoricamente,

seguimos a orientação de Heinrich Lausberg para compreender o que seja o pastiche: emprega-se a tática da ação para, por via da dissimulação e da simulação, manter o mal-entendido (cf. Lausberg, 1993: 253). Suas formas estão ligadas ao *aptum* tanto como *virtus dispositionis* quanto como *virtus elocutionis*.

O *aptum* consiste no esforço em levar a uma concordância a *utilitas causae* com a *opinio* do público.

[...] manifesta-se no próprio discurso como *aptum* interior, ou seja, na adaptação das partes do discurso (desde os pensamentos, passando pelos grupos frásicos, frases, grupos vocabulares e palavras isoladas, até às sílabas e ao som isolado) à totalidade do discurso, que em si próprio, tem como fito o sucesso exterior do discurso (Lausberg, 1993: 270).

Selecionamos os seguintes verbetes de *O Pai dos Burros*:

ELOQUÊNCIA - Capacidade de falar até a loucura (1996: 20).

GRAMÁTICO - Espécie animal que se alimenta exclusivamente de grama (1996: 25).

LUSÍADAS - Poema épico que narra as aventura de Luzia e o que ela ganhou na horta (1996: 37).

SINTÁTICO - Acordo entre políticos (1996: 54).

No verbete “lusíadas”, por exemplo, temos a resposta para uma questão há muito utilizada oralmente (e hoje, talvez até um tanto esquecida) numa máxima popular: “o que eu vou ganhar com isso? Aquilo que a Luzia ganhou atrás da horta!”. Sempre ficava no ar uma outra pergunta: “E o que a Luzia ganhou atrás da horta?”. Ora, lusíadas! Aqui há o pastiche da língua considerada em seus níveis fônico, sintático e semântico, numa mistura ambígua que cria um efeito de equívoco, em última instância, o equívoco que rege as relações do sujeito com a língua.

Segundo Orlandi,

[...] a memória inscreve o discurso em filiações e o sentido que as representa está sempre sujeito a deslocamento. As diferentes versões são efeitos das relações de sentido (relação de um discurso com outros), das relações de força (relação de um discurso com o ‘lugar’ de que é falado) (2004: 132).

Canibalística e midiaticamente o pastiche se nutre daquilo que a memória nos legou (porém, nos mais das vezes, de modo descontextualizado), perpassado por uma significativa relação com os *mass media* (vídeo, computador, *Internet*). Por isso, quando lemos textos como os de Cesar Cardoso e seu *Pai dos Burros*, temos a impressão de estar diante de um produto da indústria cultural, uma vez que identificamos nele algumas chaves que caracterizam seu modo de produção: homogeneidade, simplificação e repetição. Além disso, o toliceonário de Cardoso nos remete a alguns produtos televisivos, como a extinta *TV Pirata* e o *Casseta & Planeta Urgente*.⁴ No caso do *Pai dos Burros*, a mídia, ainda que não queiramos admitir, “[...] impõe sua forma de gerenciamento [de nossos] gestos de interpretação” (Orlandi, 2004: 142).

Em linhas gerais, nos verbetes dos três toliceonários analisados, podemos perceber o eixo comum da impossibilidade de se constituir uma variante comum da língua para todos os sujeitos, em todos os tempos e lugares, o que está relacionado não

somente ao fato de o discurso ser o lugar da incompletude e, por conseguinte, da (trans) formação, mas também aos eventos socioeconômicos e culturais e os efeitos que eles produzem sobre os autores/os escritores dos textos. Afinal, não podemos nos esquecer de que o autor/o escritor é também um leitor capaz de estabelecer significações.

Notas

¹ Termo por nós adaptado com base na expressão de Roberto DaMatta, “estilo de navegação social” (cf. 2004: 48).

² Os verbetes por nós selecionados o foram a partir do campo semântico “língua”, indo desde o verbete “dicionário” até “sintático”.

³ Em tempo: nossa análise é tributária das considerações de Eni P. Orlandi, desenvolvidas no capítulo 10, intitulado O teatro da identidade, do livro *Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico* (cf. 4. ed. Campinas: Pontes, 2004. p. 114-131).

⁴ Dentre as informações sobre o autor, fornecidas ao final de *O Pai dos Burros*, sabemos que Cesar Cardoso foi redator do *TV Pirata*, do *Sai de Baixo* e do programa de rádio *Casseta & Planeta no Ar*.

Referências

- ALVES, Rubem. *Filosofia da ciência: introdução ao jogo e a suas regras*. São Paulo: Loyola, 2000. (Leituras Filosóficas)
- CAMPOS, Augusto de. O Flaubert que faz falta. In: _____. *À margem da margem*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989. p. 13-22.
- CARDOSO, Cesar. *O Pai dos Burros*. Rio de Janeiro: Salamandra, 1996.
- DAMATTA, Roberto. *O que é o Brasil?* Rio de Janeiro: Rocco, 2004. (Coleção Cidadania)
- ENKVIST, Nils Erik; SPENCER, John; GREGORY, Michael J. Definindo o Estilo. In: _____. *Lingüística e Estilo*. Tradução Wilma A. Assis. São Paulo: Cultrix, 1970. p. 15-72.
- FERNANDES, Millôr. *A Bíblia do Caos*. Porto Alegre: L&PM, 2002. (Coleção L&PM Pocket)
- FLAUBERT, Gustave. *Dicionário das Idéias Feitas*. In: _____. *Bouvard e Pécuchet*. Tradução Galeão Coutinho e Augusto Meyer. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981. p. 291-307.
- LAUSBERG, Heinrich. *Elementos de Retórica literária*. Tradução R. M. Rosado Fernandes. 4. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1993.
- ORLANDI, Eni P. *Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico*. 4. ed. Campinas: Pontes, 2004.
- PÊCHEUX, Michel. *O Discurso: estrutura ou acontecimento*. Tradução Eni Puccinelli Orlandi. 3. ed. Campinas: Pontes, 2002.